

Armando Corrêa da Silva

Professor Titular do
Depto. de Geografia
da Faculdade de Filo-
sofia, Letras e Ciên-
cias Humanas da Uni-
versidade de São Pau-
lo.

Neste trabalho discuto a existência de um mercado mundial e a alocação de capital e trabalho, tendo em vista o papel do meio técnico e científico.

O mercado mundial

Pode-se falar de um mercado mundial quando as relações mercantis envolvem todos ou, senão, a maioria dos Estados do mundo. Estará isto ocorrendo? A pergunta se impõe porque há mercados locais, regionais, nacionais e internacionais. Será que todos êsses mercados obedecem à mesma lógica de alocação do excedente? Se não, quais os tipos de relações mercantis que se estabelecem em cada escala espacial e temporal? Estas questões são suscitadas pela tese que afirma a existência de uma globalização do capital, que depende da rede de informações e comunicações da atualidade.

Pode-se argumentar:

- 1º que as informações não atingem todos os lugares do Globo;
- 2º que há inúmeros filtros intermediários desde o impulso da inovação que gera produtos até o consumidor final;
- 3º que as agências intermediárias muitas vezes interferem na natureza da informação, pensando particularmente no papel da midia;
- 4º por consequência, a informação chega aos agentes do mercado e aos consumidores individuais na dependência de muitas mediações que podem até descaracterizar o produto;
- 5º finalmente, nem todas as informações chegam a todos os receptores.

A tese da globalização supõe, na verdade, a ocorrência de uma lei de tendência. Por isso, pode-se discutir se a distância dos centros hegemônicos não desempenha aí um papel diferenciador.

Então, na questão do mercado mundial, é preciso pensar na existência de políticas públicas e privadas que têm um papel decisivo na escolha das informações a serem divulgadas, particularmente nos casos de mercados oligopolizados.

Em primeiro, no caso do Estado, há que considerar o seu caráter, sua forma, o regime, com quem está o poder, qual o projeto ou os projetos que estão sendo implementados nas diversas escalas, tendo em vista os objetivos a serem alcançados.

Ora, sabemos, desde há muito, que a atmosfera da política é bastante flúida, mesmo no caso de regimes autoritários. O planejamento e sua execução é um bom exemplo, principalmente nas sociedades que se tornaram complexas e um grande número de decisões não têm controle direto da origem emanadora das diretrizes traçadas pelos governos.

Em segundo lugar, no caso de políticas privadas, os agentes são diversos, quer individuais, ou agrupados em cartéis, quer pequenos ou grandes. No entanto, neste caso, há maior probabilidade dos meios serem adequados aos fins.

Nos dois casos, em que pese a existência de redes de comunicação eficientes, o consumidor final dependerá de demanda, definida como o quanto cada um está disposto a gastar para obter um bem ou serviços de acordo com os seus recursos disponíveis. Isto é, dito de outro modo, a lógica da produção é diversa da lógica do consumo.

Acrescente-se, agora, a questão da distância.

Sabe-se que a informação chega em primeiro lugar; em segundo lugar, a imagem. Só depois é que o receptor recebe o produto a ser comercializado. Quer dizer que a circulação e a rotação do capital vão se dar primeiramente ao nível financeiro e só depois como mercadoria.

A distância é função dos meios de comunicação (terrestres, marítimos, aéreos) e transportes e, portanto, das condições dessas variáveis que são diversas nos distintos lugares de procedência e destino dos produtos. Então, temporalmente, há um ritmo desigual no funcionamento do mercado mundial, dos mercados nacionais e regionais. Isto vai refletir-se espacialmente: os lugares vão receber o input de modo não sincrônico.

A propósito, cabe lembrar que a isotropia só existe para certos segmentos da circulação e dos circuitos espaciais.

A alocação do capital

Dados esses pressupostos, e tendo em vista a economia avançada do Primeiro Mundo, coloca-se o problema da alocação do excedente.

O que está acontecendo hoje? Ou seja, o mercado, enquanto um conjunto de vendedores e compradores atuando num dado espaço, caracterizando desse modo um mercado no sentido literal do termo, existe

em níveis diferenciados.

Para não falar apenas no mercado financeiro, figura-se hoje o que alguns economistas denominam mercados invisíveis, ou seja, o mercado das informações e comunicações que geógrafos têm denominado como ligadas a relações a-espaciais.

Quando impera o domínio do capital, uma certa influência sobre o mercado é possível, mesmo em uma economia neo-liberal. Trata-se, então, de interferir na direção dos investimentos através da motivação dos agentes privados, que têm preferência nas diretrizes das políticas oriundas do Estado.

Nesse caso, pode-se falar em uma alocação indireta de capital pois a decisão irá depender, teoricamente, da concorrência.

Socialmente argumentando, a alocação de capital pelo Estado tenderá a efetivar-se de modo a beneficiar o consumidor final, proporcionalmente às desigualdades e oportunidades de obtenção dos bens e serviços.

Nesse caso, muitas intervenções do Estado implicam em uma alocação direta do capital.

No entanto, gostaria de acrescentar outro argumento.

Pode a alocação de capital dar-se de outra forma?

Acredito que sim.

Hoje, quando não se trata mais de apenas exportar capitais e sim de dominar mercados, existentes ou potencialmente existentes, surge a alternativa de criar novos mercados. Na verdade, isto já está ocorrendo através da criação dos chamados tecnopolos, que têm por objetivo a reconversão industrial ou o estímulo ao desenvolvimento de regiões atrasadas. Para isso, torna-se necessário abandonar os modelos do taylorismo e do fordismo e avançar em direção à acumulação flexível e ao just-in-time, quando desaparecem as linhas de montagem e os estoques. Também altera-se o ritmo da jornada de trabalho, naqueles setores encarregados de desenvolver inovações tecnológicas.

Ora, isto significa uma nova configuração geo-econômica do Globo. Então, nesse sentido, pode-se falar de uma globalização, mas uma globalização relacionada à esfera do capital. Nesse sentido, aquela tendência referida antes, pode efetivar-se num efeito de cascata, atingindo as economias locais, regionais e nacionais.

No entanto, o capitalismo defronta-se com sua própria criação, ou seja, quanto mais se mundializa o valor, mais necessários se tornam os mecanismos protecionistas nacionais e, mesmo, regionais, em alguns casos.

A atual centralização-descentralizada do Globo tem algo a ver com isso.

De uma parte, a centralização dá origem ao seu contrário: os movimentos separatistas e regionalistas. De outra, obriga a formação de grandes alianças territoriais, ampliando espacialmente os mercados.

A alocação do trabalho

Esclarecidos alguns aspectos de existência atual do capital, cabe agora examinar a questão do ângulo do trabalho.

Se as suposições feitas até aqui são verdadeiras, isto implica na existência de um mercado de trabalho diverso do que existiu até antes da 2ª guerra mundial, quando predominavam várias modalidades de funcionamento até espontâneo na oferta e procura de emprego.

Então, voltando à questão das políticas públicas e privadas, o mercado de trabalho vai existir na dependência de diretrizes emanadas do Estado e da empresa.

Pode ser diferente?

Acredito que sim.

A chamada 3ª revolução industrial está mudando rapidamente o perfil da sociedade. Quer se fale em burguesia, camadas médias, proletariado ou em classes A, B e C, tudo parece indicar que novos personagens estão emergindo da recente revolução técnica-científica.

Numa economia do tipo da brasileira, hoje, estão surgindo formas mistas de apropriação do excedente. Um caso muito comum, particularmente em São Paulo, capital ou região metropolitana é o indivíduo que, por circunstâncias que talvez não devam ser generalizadas, vive de salário e rendimento de capital. Onde situá-lo socialmente? É evidente que não se trata, nem de um pequeno-burguês, nem de um rentista.

Outros exemplos poderiam ser dados.

Para os fins deste trabalho seria importante assinalar que, hoje, o escritório e o laboratório têm muito mais importância para a existência da sociedade do que a fazenda e a fábrica, embora dependam em última instância destas.

Uma certa autonomia criada recentemente, relativa à antiga condição de trabalhador livre do capitalismo, está influfndo sôbre as migrações e, principalmente, sôbre a mentalidade dos que estão ligados ao trabalho.

A terciarização da economia transformou hábitos e costumes e deu origem a novos tipos de assalariamento.

O que chamo de alocação do trabalho diz, por isso, aos efeitos diretos e indiretos de funcionamento da economia, quando o trabalhador passa a decidir sôbre onde trabalhar, procurando o que já se denominou de círculo superior.

Por isso, é preciso considerar a crescente urbanização do mundo, condição necessária para que essa nova alocação do trabalho se dê.

Começa, então a desaparecer a figura do camponês e a figura do operário, que permanecem vivas apenas na ideologia.

Hoje, o assalariado é, antes de tudo, um funcionário da empresa e, nesse sentido, êle se aproxima do funcionário do Estado.

Esboça-se, dêsse modo, uma sociedade de serviços, onde o capital técnico tem um papel decisivo.

O meio técnico-científico

Existe hoje um meio técnico-científico?

Quais as condições necessárias à generalização desse conceito?

Como disse no início, o mercado mundial representa uma condição do mundo contemporâneo em processo. Ele se apóia na informação e na comunicação. Já argumentei com o não sincronismo dessa tendência.

Trata-se, agora, de considerar um aspecto particular da sociedade de emergente neste fim de século.

Para não ficar numa abstração sem sentido, é preciso considerar que o meio técnico-científico desenvolve-se a partir da existência de técnicos e cientistas que, aparelhados pela informática, telemática, robótica e cibernética, constituem um novo estrato social que, em outra ocasião, denominei de tecnólogos. Mas, esse novo personagem vive em relações diárias com pessoas que desempenham outras funções, primárias ou secundárias no mercado. Qual a influência real desse personagem sobre o perfil da sociedade atual, através da midia, dos pontos de encontro, dos locais de trabalho, de seu conhecimento, de suas idéias?

Para a maior parte da população de um país como o Brasil, o meio técnico-científico está ainda distante de configurar um modo de ligação orgânica com o sistema. No Primeiro Mundo, onde o sistema está mais constituído, mesmo assim, há muitas pessoas que vivem à margem do meio criado pela modernidade e pós-modernidade.

Então, qual o papel do meio técnico-científico?

Nas atuais condições do mundo, parece que novas configurações territoriais tendem a configurar a tendência de aglutinação de mercados definindo um novo desenho da geografia mundial. Nesse sentido, a criação de mercados regulados e estáveis pode representar uma aspiração comum tanto para o capital como para o trabalho.

O que a atualidade propõe como dilema parece ser o desenvolvimento da pessoa de um cidadão capaz de viver segundo sua capacidade e competência, a partir de uma afirmação pessoal, como condição para o decolar de uma sociedade onde, se as diferenças persistirem, elas não serão motivo para a existência de desigualdades.

Mas, a prospectiva é um exercício difícil e as indeterminações são inúmeras.

Gostaria de terminar aqui com uma frase que já escrevi e divulguei em outras ocasiões: a Terra é pequena mas o espaço é infinito.

SP, 20"08"1992